

O preço da diferença: interferências sociais na trajetória de vida de homens homossexuais.

Processo de produção de conhecimento que deu origem à proposição: Resultado de investigação finalizada.

Grupo de Trabalho Nº 26 - Sociologia do corpo e as emoções

Francineide Pires Pereira

RESUMO

Neste trabalho, analiso as várias vozes que se entrecruzam no discurso de dois homens homossexuais, um de classe média e branco e outro de origem popular e negro. Ambos são de Teresina, capital do Estado do Piauí, Brasil. O texto enfoca as pressões sociais sobre o fato de terem se descoberto “diferentes” do modelo hegemônico de masculinidade. Baseou-se no recolhimento da história de vida, como metodologia de abordagem de campo. Tomando como premissas as teses de R. W. Connell de que a sociedade tem produzido uma masculinidade hegemônica e outras subordinadas”, nossa análise verifica se se confirmam as conclusões da autora, segundo a qual as masculinidades dissonantes do modelo hegemônico receberiam o tratamento de déficit de masculinidade.

PALAVRAS-CHAVE: MASCULINIDADES, HOMOSSEXUALIDADE, TRAJETÓRIAS DE VIDA.

1 Introdução

Este trabalho é parte de uma pesquisa sobre a produção de masculinidades (PEREIRA, 2005). Ao perceber a fácil aceitação do modelo hegemônico de masculinidades pelos homens heterossexuais, a pesquisa foi ampliada, por meio do recolhimento da história de vida de dois homens assumidamente homossexuais, um branco e um negro. Aqui, será tratado especificamente das pressões da comunidade em torno do momento da descoberta desta orientação sexual diferente do modelo hegemônico de masculinidade. Além da história de vida como recurso investigativo, a análise de discurso crítica foi o recurso utilizado.

Os processos de construção de masculinidades heterossexuais assentam-se numa premissa, a de que ser heterossexual é óbvio e, em face disso, os homens não têm esta característica como tema de suas vidas, posto que houve coincidência entre a pressão para que fossem de determinado modo, o fato de sê-lo e os ganhos por terem conseguido. Neste trabalho, veremos o que ocorre com o esforço de produção de seres humanos, quando os meninos se descobrem fora — ou aparentemente fora — deste “óbvio” leito social. Veremos, também, a atuação dos diversos sujeitos sociais para enfrentar a descoberta.

2. Descobrir-se desejando outros homens

Connell chega a afirmar que, não há relacionamentos no mundo ocidental contemporâneo com maior carga simbólica do que os que ocorrem entre heterossexuais e *gays*. Isto ocorre, segundo ele, como um processo coletivo e afeta a sociedade por inteiro (CONNELL, 1995, p. 143). Verifiquemos se e como isto ocorre no começo da vida de Mateus e Caio. O primeiro assim descreve sua infância:

Eu nasci em maio de 57 [...]. Bom, uma infância normal, uma juventude normal, a única coisa diferente que realmente aconteceu na minha juventude, foi o fato de ter descoberto que eu era diferente, pelo menos, dos meus colegas. Pelo fato de não ter, não sentir nenhuma atração física por uma mulher. E isso, realmente, é aquela história, foi muito dramática!

Classificado o mundo como dividido entre homens que desejam mulheres e mulheres que desejam homens, o surgimento, em si próprio, do desejo por uma pessoa do mesmo gênero, revela o começo de uma saga, ou como disse Mateus, um drama. Se Mateus só se descobre diferente na adolescência, Caio inicia o relato de sua história, afirmando que sempre foi diferente:

É o seguinte: somos três irmãos em casa: eu a B. e outro, o K. Então, eu vivi assim, a gente os três juntos, né? Sempre, eu comecei a me descobrir assim um pouco, foi com um pouco de rejeição que eu tinha do meu pai... Minhas brincadeiras eram diferentes. Meu irmão já brincava com armas, revólver, essas coisas e tudo... e eu só queria brincar com minha irmã e as amigas da minha irmã. Minha mãe nunca disse nada... eu também não sabia de mim assim, aquela coisa, o que era. Mas, tinha aquela tendência de brincar só de boneca, era de brincar roda com as meninas, era estar ajudando uma vizinha a limpar as coisas... eu nunca quis brincar, assim. Aí, eu via pessoas sempre rindo, assim, outras meninas ficavam sorrindo e tudo. Eu acho que aquilo chateava sempre mais meu pai. Eu tinha sempre a rejeição do meu pai.

Aqui se percebe que mesmo as crianças já fazem, por meio do riso e da ironia, pressão sobre quem não se situa no modelo predominante de gênero. Nesse caso, isto já pode se constituir numa comprovação de que há nos espaços de sociabilidade, uma heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2003; CONNELL, 1995; WELZER-LANG, 2001). Filho de um sargento do exército e de uma dona de casa, Caio não esquece a rejeição do pai, em virtude da reação do último à descoberta da homossexualidade do filho:

Ele nunca, nunca, nunca me bateu. Só que é melhor certos tapas, uma coisa, do que certas palavras; porque tem palavras que ofendem demais! Assim, as palavras que eu ouvia dele são: dizer que eu não era filho dele — sempre eu escutava dele. E hoje ele anda, olha você acredita que ele anda lá em casa, conversa e tudo com a minha irmã, mas todo mundo observa, minha diferença é com ele, eu dou a benção, né? Daí eu saio, não passo o dia em casa. Todo tempo, quando eu vejo ele, eu sinto aquela revolta, aquela coisa: é discriminação.

Também Connell, em sua pesquisa com um grupo de homossexuais, identificou que “[...] todos os homens no grupo vieram de famílias com uma divisão convencional do trabalho e uma estrutura de poder convencional [...]” (CONNELL, 1995, p. 145). Isto vem confirmar que — apesar do esforço de algumas tendências teóricas e de alguns grupos — não há uma “anormalidade”, conforme as primeiras, nem uma “identidade” homossexual, de acordo com os segundos. Isto traz como consequência a homofobia, nos casos dos defensores do desvio e defensismo, no caso de parcela dos movimentos de defesa dos homossexuais.

E, para suprir esta “carência de masculinidade”, conforme o modelo patriarcal, um pai, quando suspeita de que seu filho não está seguindo/sendo conforme o modelo dominante — a heterossexualidade, pode agir do modo que segue:

Então, tanto que, na época, eu, por ser diferente, pressões, e aquela história de pai querer ver filhos com mulheres, essa coisa toda, meu pai chegou mesmo a contratar uma senhora, que fazia costura lá em casa, para dormir lá em casa e manter relações comigo. Para mim, foi uma das noites mais angustiantes e longas, que eu já tive, né? Quer dizer... e ela veio e conversou comigo; só que, de noite, eu fui para a cama cedo e dormi que roncava! Só que, na realidade, era tudo fingimento! É, eu fiquei acordado a noite toda, com medo que aquela... que, ainda mais, que era uma mulher de uma certa idade! Não era uma mulher... e não tinha nenhum atrativo, né? Se fosse ao menos bonitinha assim (RISOS, mostrando a entrevistadora), né? Mas, era, era uma senhora! E feia! Quer dizer, e se tornou mais feia ainda; se tornou um monstro! Mas, é muito interessante, né? (Mateus).

Ou então, com as ordens do pai de Caio:

Meu pai, ele chegava, quando estava os amigos dele lá em casa, no final de semana, ele chegava lá, me chamava lá para dentro: “olha, tu tem que ser um macho! Tu tem que ser homem. Aí, eu começava, e chegava e começava a chorar. Aí pedia para mim fazer um favor de não ir lá na sala, onde ele estava. Aí, ele chamava e ele apresentava: “olha aqui meu filho!” Com o outro, né?

Em Mateus, o tema não surge, o que pode indicar a dificuldade de sua mãe em enfrentar um tema tão delicado. E, quando ele justifica por que nunca falou sobre o tema com aquela, termina por relatar a representação da média das pessoas, acerca da homossexualidade:

Aí eu — é querer perceber a cabeça dos outros, certo? — por mais que você, sua mãe, ou a mãe dele ou a minha mãe, ou qualquer mãe... são raríssimas... e eu conheço muitas e muitas mães de homossexual... elas podem até aceitar e calar, diante da realidade, mas, elas não gostariam de apresentar para a vizinha, uma vizinha nova que chegou, e dizer: “olha, esse aqui é o Joãozinho; meu filho é *gay*!”

Quanto ao “que aconteceu” com Caio, com a idade de onze anos:

Aí, então... até é uma história que, quando eu conto ela, eu começo a sorrir: foi no dia vinte e quatro de dezembro, numa ceia, que aconteceu, lá em frente minha casa, no vizinho, porque sempre eles faziam festa natalina. Então, tinha uma pessoa, essa pessoa, inclusive, já até faleceu: foi a minha primeira vez. Eu tinha a idade de onze anos. Eu até senti, tipo que foi assim, porque foi, assim, uma coisa forçada. [...]. Lá, ele tinha dois navios, que eram os navios a pilha; [...] e eu era louco por um navio daquele! Aí, ele botou a proposta, eu te dou o navio só para a gente brincar, né? Ele tinha quinze anos. Mas ele era bem alto, bem forte. Bem alto e forte, sabe? Aí, ele disse assim, vamos... eu te dou o navio. E eu, interessado no navio: aí, eu disse: “brincar de que?” Aí, ele: “para

aí.” Aí, foi, fechou a porta e tum, aí me empurrou de uma vez, assim, na cama; puxou, até rasgou minha roupa. Aí aconteceu, né? Aconteceu! Aí, eu tentei gritar, ele tampou minha boca, aquela coisa toda. Tampou minha boca...

Para Mateus, o celibato no seminário e o significado do sexo praticado com outros homens:

Quanto ao celibato, foi espontâneo, certo? Até foi cômodo, porque já que o sexo para mim, ele era traumático, porque ele era praticado com homens. Então, eu já não gostava muito dele assim; quer dizer, não gostava desse aspecto, porque ele me dava ressaca. Eu praticava o sexo, está ótimo! Quando eu chegava em casa, que eu parava para pensar, eu via o horror que eu tinha feito! Porque todo mundo era heterossexual! O único ser humano no mundo, que era homossexual, era eu!!! Um problema; porque eu não conhecia homossexuais Só existia um no mundo!

Sem ter acesso a outro caminho, que não o heterossexual, Mateus mantinha relações casuais e clandestinas, que produziam grande sofrimento:

Tipo assim, minhas relações eram aquelas: você encontra uma pessoa e, fortuitamente, vai para um local, faz um arremedo de sexo, uma coisa; aí, vai para casa. Quando chega em casa, aí você vê que se abraçou, se beijou com homem. Aí, cai por terra tudo!

Conhecendo somente a matriz heterossexual, sendo instado a existir por meio desta prática por seu pai, Mateus considerava absurdas as alternativas que lhe restavam: ser heterossexual ou de “vestir-se de mulher”. A descoberta da existência de um mundo novo, no qual ele podia existir sem ter que escolher entre estas duas alternativas, aliviou suas angústias. A medida de suas angústias pode ser dada pela solução, antes encontrada:

É, me esqueci de dizer: na época da adolescência, esses questionamentos são tão violentos para um adolescente, que eu cheguei mesmo a tentar suicídio. É loucura, mesmo, que eu também, até hoje, não sei se... eu misturei uma serimbeba que tinha na época, tipo... era creolina, detergente, desinfetante.. (rindo).

Caio, filho de um sargento e de uma dona-de-casa pobre, família que morava em um bairro popular, as primeiras posições sobre sua tendência de desejo sexual era assim:

É, isso, me discriminando; ele chegava, quando estavam os amigos dele lá em casa, no final de semana, ele chegava lá, me chamava lá para dentro: “olha, tu tem que ser um macho! Tu tem que ser homem! Aí eu começava e chegava e começava a chorar. Aí, pedia para mim fazer um favor de não ir lá na sala, onde ele estava. Aí, ele chamava e ele apresentava: “olha aqui, meu filho!”, com o outro, né?

Sem conseguir espaço para conviver com seu desejo, Mateus, filho de uma família com posição de classe média, tem acesso à educação formal, até quando decide ir para o seminário católico. Mais tarde, e já separado desta, não há mais motivo para reprimir/fugir de sua sexualidade:

E aí, voltei para questão da homossexualidade que, até então, tinha sido muito reprimida... Durante esse tempo todo, só um branco, um vazio. Tipo assim, parei de fumar, parei de beber e parei de praticar sexo, a não ser sexo comigo mesmo, né? Aí, a masturbação entra e volta ao ápice! (rindo)

Já Caio proveniente de um bairro popular e com uma família com poucos rendimentos, consegue acesso à escola pública, mesmo que, esta posição tenha sido sempre mediada, pela punição por sua homossexualidade.

Dentre as diversas tendências existentes em torno da conceituação da categoria gênero e/ou masculinidade, a perspectiva apresentada por Connell (1995) parece ser a que mais contempla a dramaticidade das experiências acima relatadas. Segundo ela, é preciso agregar, ao mesmo tempo, as noções de prática, relação, configuração e projeto, ou seja, “quando falamos de masculinidade e feminilidade estamos nomeando configurações de práticas de gênero. [...] nós começamos por uma compreensão da masculinidade e feminilidade como projetos de gênero” (CONNELL, 1995, p.72). São, pois, tais projetos que autorizam o conjunto de sujeitos ao redor de ambos a impor o projeto dominante. Ademais, eles próprios podem autopunir-se antecipadamente, tal a força do modelo. As ciências sociais tem indicado a importância dos grupos de pares, como um espaço de sociabilidade importante para a afirmação contra famílias autoritárias ou não. Vejamos isto na história de nossos sujeitos.

3 A importância dos grupos de pares

Tentando sobreviver, em condições adversas, o acesso de Caio ao exercício de sua sexualidade deu-se assim:

E outra coisa, porque meus dois irmãos sempre estudaram em colégio particular e eu só no Estado, meu pai discriminava por tudo. Aí, com aquela revolta dele, aí eu comecei, eu digo: ‘não, não estou nem aí, seja o que Deus quiser. Aí eu entrei assim mesmo na vida, eu digo assim: ‘seja o que Deus quiser’. Conheci uns amigos que eram do mesmo jeito; aí me convidavam para sair; eu comecei a sair com eles, chegando tarde em casa. A mamãe perguntava onde eu andava, eu digo: ‘não: estava com os amigos’. Aí, isso eu já estava com doze, treze, catorze anos; aí, eu comecei, 14 anos, eu já comecei a ir para festa...

Após tentar suicídio, ingressar e sair de um seminário católico, como forma de fugir de sua situação, Mateus continua com seu “problema” ainda não resolvido:

Não compreendia. [o problema da homossexualidade]. Ora tentava negar, ora tentava sublimar. Outra hora tentava até através do suicídio. Mas, televisão, era zero! Não existia! E quando começou a existir, não se discutia esses assuntos. O quê mais que se pode ver? Livros, eu não conhecia nenhum. Porque a única escritora que ainda tocava um pouco no assunto, Adelaide Carrara [...] o homossexual dela sempre é a bicha porra louca! Não é um ser humano como outro qualquer. Ele é aquela pessoa afetada, que usa roupas coloridas e extravagantes, né?

Então, ele encontra importante contribuição para começar a resolver seu “problema”:

[...] começa a se resolver, acredito que [...] já na segunda metade de 1979, quando eu conheço um rapaz chamado G., que já é, inclusive, falecido. Então, esse rapaz é o primeiro que eu sento e converso, certo? E é a primeira pessoa que começa a me mostrar que existiam boates só para homens. Existia um mundo só para homens, certo? E aí, por que, [...] quando eu voltei do seminário, tem isto, começou a se apresentar uma dicotomia: eu tinha que tomar dois caminhos, certo? Que era os dois caminhos que eu conhecia, como o único homossexual do mundo, na minha cabeça: “ou eu iria ser heterossexual, certo? Ou eu iria ser, tipo um travesti. Me vestir de mulher, sair de mulher...” Porque não existia um meio termo. Seria impossível. E me vestir de mulher, também, seria impossível, porque me desagrada muito, esse fato de eu ser mulher; porque eu não sou mulher; eu estaria assumindo um outro sexo que não é o meu, certo?

Com estas novas informações, Mateus conhece, em outra capital, um espaço só para homens:

[...] uma boate chamada N. E foi muito interessante. Realmente, eu não me esqueço nunca! [...]. Aí, foi quando eu vi esta cena. Aí você vai ao banheiro, depois, você entra na boate, sempre querendo ver coisas absurdas, quando, na realidade, eu não vi nada absurdo, a não ser o fato de ser um local que é frequentado só por homens! Mas, homens dançando; homens vestidos como homens, certo? Homens normais. Não tinha nada de escandaloso, a não ser o fato, repito, de só entrar homem. Aí, isso foi assim: cheguei em Teresina, eu tinha estado literalmente no paraíso! (risos).

Então, com apoio de outros grupos, outras pessoas e espaços coletivos recém-descobertos, Mateus pôde descobrir e vivenciar a multiplicidade de subjetividades de cada pessoa. Com esta nova conquista — a tranquilidade — ou, pelo menos, superação do desespero — espaços surgem para encontrar mais amigos e mais apoio:

Aí começa — é muito interessante, isto — e eu começo a ver que meus amigos, na época, né? Aí, eu termino — eu tinha uma namorada. Eu tinha uma namorada, porque eu tinha que ser heterossexual! Só que nós só chegamos a namorar; nós não fomos, quer dizer, no máximo, beijos e abraços. Nós nunca mantivemos relação sexual.

Caio também destaca a amizade e a descoberta do “mundo gay”. Entretanto...

Aí foi assim eu comecei a entrar — já tinha entrado no mundo gay - então, juntava os meus amigos, como até hoje nós ainda se reúne e conversa muito. Gente é a vida! Tem um amigo meu, que eu sempre digo para ele, né? Tem outros que fazem programas... outra coisa que eu sempre tive medo, porque é uma decepção para a classe também, quando eu vejo assim na televisão: “fulano foi pego roubando”, quer dizer, muitos deles roubam para querer manter o caso que têm! Boa parte paga; ficam fazendo ponto na rua a noite todinha, aí faz programas com outros...

As histórias de Mateus e de Caio ainda mostram como a noção de eterno perigo é evidente. Para Mateus, “essa clandestinidade, ainda hoje, ela existe. A homossexualidade: ah, eu não fui vítima de preconceito, enquanto porrada, enquanto deixar de entrar num local, pelo fato de ser... Mas, viver na clandestinidade é uma forma de preconceito, certo?”

De um modo ou de outro, os grupos de pares se apresentaram como saída e apoio, mesmo que a contestação tenha se dado pelos meios existentes: a clandestinidade ou a discricção, para Mateus e a prostituição de rua, para Caio.

4 Auto-percepções e modelo hegemônico de masculinidades

Nas histórias de vida em questão, além da redução do espaço de sociabilidade, realizada por outrem, há a rejeição de si próprio. Ao justificar por que não participa das reuniões familiares de seu parceiro e nem este participa das reuniões de sua família, ele demonstra insatisfação com seu modo de ser: “eu queria não ter tanto jeito: mexer muito com as mãos, certo? Porque eu preferiria, ainda, ser mais másculo; menos, menos delicado; porque você se expõe muito; porque, na hora que a pessoa olha, ela diz: ‘ah, então, fulano é homossexual!’ Por que existe o estereótipo masculino, o feminino, certo?”

É assim que a hegemonia do modelo heterossexual, binário, impõe o desejo de suplantar um gestual, inconscientemente produzido. Mas, se Mateus conquista alguns espaços e negocia outros, Caio, aparentemente não dispõe das mesmas possibilidades, posto ser e sentir-se “negro, viado¹ e pobre”:

Olha, às vezes, eu sinto, é uma coisa feia: inveja; mas eu sinto inveja, assim, dos meus amigos, quando se dão bem com os irmãos, com o pai, né? E meu irmão também — [...] ele sempre me admirou, assim, no trabalho —, mas, uma vez ele chegou e disse: “eu tenho é vergonha, quando eu chego e dizem ‘olha o irmão daquela, irmão daquela bicha!’”. Eu disse: “olha, é preferível dizerem que tu é irmão de uma bicha, do que dizer que tu é irmão de um ladrão ou de um assassino! De um ladrão ou de um assassino!”

Mas, há ainda a opinião geral:

E, olha, a gente vai descobrindo, no mundo da gente, cada dia tem uma surpresa! Cada dia [...] aparece uma coisa diferente no mundo em que a gente vive, hoje. [...]. Ainda bem que hoje as autoridades estão brigando muito por causa de muita discriminação. Tem gente que diz: “ah, além de tu ser negro, é viado! Negro, viado e pobre!” Aí eu sempre tive isso; porque existe muita... quando passava: “vixe Maria, além de negro, é viado! Além de ser negro é viado”!

Quando instado a falar sobre normalidade/anormalidade — “você falou muitas vezes ‘eu gostaria de ser uma pessoa normal’, mas você é, não é?” — é que Caio descreve a diferença entre sentir-se de um modo enquanto a maioria pensa e age, impondo aos seus diferentes um outro modo de ser:

É, eu me sinto. É porque eu falo assim, gostaria de ser uma pessoa normal, é pelo que muita gente vê com os olhos das pessoas que discriminam a gente, enxergam a gente. Porque acham que a gente não é pessoa normal; por isso que

¹ Esta palavra não está grafada conforme o dicionário. Entretanto, leva a crer que, assim, corresponde mais à pronúncia cotidiana.

eu digo: “eu queria ser uma pessoa normal”. Mas, eu me acho uma pessoa normal. Eu queria ser uma pessoa normal, para a vista dessas pessoas que discriminam.

É assim que Caio não se veste de mulher e não usa hormônio para desenvolver formas femininas em seu corpo, como um modo de negociar sua aceitação pela sociedade, para não correr o risco de ser isolado. Entretanto, deixa de realizar um desejo importante e, ao fazê-lo, sofre consequências profundas, como, por exemplo, no que tange à aceitação do próprio corpo:

Mas, olha, quando eu vou para os lugares — a gente sempre viaja para Fortaleza — chega três pessoas na pousada, ou no quarto, a gente viaja: “Caio, tu vai ficar com os dois meninos?” Assim, amigos. Eu digo: “eu!?” Prefiro ficar eu e as meninas no quarto. Quarto do lado, as mulheres do lado dos homens, eu fico do lado das mulheres. Aí: Caio, está na hora do banho...” Não, outra coisa que tem: não tem quem faça eu tirar minha roupa na vista de ninguém! Eu sempre tive isso... Vergonha da pessoa me ver. Eu nunca gostei! É a maior parte da gente nunca gosta de trocar de roupa na frente, nem de homem, nem de mulher.

Outro elemento revelador que aparece na história de Caio relaciona-se com a negritude:

E já desfilei uma vez, também, né? Montaram-me e eu já desfilei uma vez, que era o antigo [um restaurante]. Eu desfilei lá, porque dizem que queriam uma mulata, né? Era um desfile só de mulata, homossexual, mas que seja negro; que fosse negro; só de mulata. Aí me chamaram para representar o bairro que eu morava, né? Aí, eu fui desfilar.

Esta experiência demonstra cabalmente o pleno funcionamento da máquina patriarcal, em unidade com a dominação-exploração de raça/etnia. As boates gays têm como clientes os homens em geral. E quando um homossexual é negro e é “montado”, ele se torna uma mulata.

Quanto a Caio, informado também pelo dever-ser, o ideal de vida cotidiana numa relação de conjugalidade, para Caio, se vincula à realização do modelo tradicional de família:

Eu tenho aquela vontade de estar morando mesmo com uma pessoa, masssss, como eu lhe falei, aquele medo sempre porque de estar... eu queria conhecer assim bastante antes de entrar. Conhecer bastante a pessoa, para mim morar assim com uma pessoa; eu tenho vontade de estar morando. Eu e uma pessoa numa casa, aquela vida normal de um casal, levantar de manhã, preparar tudo e sair cada qual para o seu trabalho e meio dia está o almoço, está tudo preparado. Aquela coisa, eu tenho vontade, sem existir aquela depravação, aquela coisa, bebedeira, aquelas coisa não. Eu quero uma vida normal. Bebedeira, assim, quando for um final de semana; beber, assim, só o suficiente que não fique ninguém embriagado. E eu vou ter ainda essa vida, pode ter certeza! Eu vou ter!

Segundo Connell (1995, p. 90):

Numa ordem de gênero estabilizada, as relações de *cathexis* são organizadas principalmente por meio do casal heterossexual. Isso é pressuposto significando

o “amor” na cultura popular e tem um suporte institucional massivo. A masculinidade está, necessariamente, em questão, na vida dos homens cujo interesse sexual reside em outro homem.

Os sofrimentos e buscas descritos pelos sujeitos ficam explicados por esta citação. Dentre as instituições citadas, uma delas tem sido cantada em verso e prosa como o ancoradouro das pessoas. Vejamos como se posiciona, quando descobrem filhos homossexuais.

5 Relação com a família

Outro tema de importância capital, revelado por estes narradores é a relação com a família. Aqui também não é diferente. No caso de Mateus, após a tentativa de seu pai para que ele se iniciasse com uma mulher, o assunto não mais surgiu. Após ter encontrado caminhos mais tranquilos de viver sua vida, ele justifica o fato de nunca ter aberto o diálogo com a família. Também indica como gostaria de ser:

A família, nunca enfrentei; com 46 anos, nunca enfrentei. Aí, eu vou explicar, mais na frente, porque eu nunca quis enfrentar, certo? Apesar de que, todo mundo sabe, acredito que sabe que um homem, com 46 anos, que não tem uma mulher do lado, que não namora, que não sai, que não... esse homem, só pode ser homossexual, certo? [...] Ainda mais porque, não sei por que, uma das coisas que eu não gosto em mim, é o fato de ter muitos trejeitos. De ser afeminado!

Caio, que teve sua experiência tornada pública desde os onze anos, encontra apoio em sua mãe e na família de seu pai: “É porque eu via sempre ela dizer: “meu filho, eu não abandono por nada! Não gostou do meu filho, não gosta de mim!”

Eu não tenho culpa de ser assim! Não tenho culpa! Nem eu, nem os outros meus amigos, não temos culpa de ser assim. É o destino! Não adianta! Minha tendência sempre foi para homem! Eu nunca tive tendência para mulher. Nunca, nunca, nunca, nunca, nunca me passou pela cabeça. Pode quem quiser me chamar de anormal. Que chamem! Mas eu me sinto uma pessoa normal.

6 Conclusões

Seguindo, então, o modelo de exposição de Caio: quais seriam suas possibilidades, se ele tivesse tido um outro ponto de partida, ou o acesso posterior a melhores condições materiais — e culturais de sobrevivência e auto-constituição?

Nada do que foi relatado por estes narradores se vinculou a “qualidades acidentais”. Tudo o que houve foi que o socialmente construído — a heterossexualidade compulsória e a misoginia; a hierarquia em função de raça/etnia e de classe; a dominação/exploração capitalista-patriarcal. Todas são qualidades de uma sociedade que define os destinos relatados.

Confirma-se, em nossa pesquisa, tal como na pesquisa de Connell (1995, p. 157), a tese de que os homossexuais provêm de famílias organizadas, tais como as famílias em que se engendram pessoas heterossexuais. Isto serve para contestar a surrada “convicção psiquiátrica tradicional de relações familiares desorganizadas” como propiciadoras desta configuração de cathexis. Assim, se confirma nesta pesquisa que tudo induz à conclusão de que a configuração de uma identidade social

homossexual, tal como todas as outras, é uma das formas possíveis, em função das alternativas postas pela sociedade atual. Apenas isto.

A pressão, a violência, o abuso, a misoginia são faces da imposição do modelo hegemônico de relações sociais de gênero, que beneficia a parcela da sociedade que desconta os dividendos patriarcais, geralmente homens, brancos, heterossexuais e proprietários de riqueza.

Esta ordem imposta, então, é o que torna a vida destas pessoas mais difícil — às vezes, insuportável — de modo que só o fato de ser homossexual, já se constitui numa ameaça aos benefícios que esta ordem traz para os homens como categoria social.

7 Referências

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONNEL, R. W. *Gender & Power: society, the person and sexual politics*. California: Stanford University Press, 1987.

———. *Masculinities: knowledge; power and social change*. California: University of California Press, 1995.

PEREIRA, F. P. “Seja Homem”: produção de masculinidades em contexto patriarcal. (Tese de Doutorado não publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2005.

WERZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista de Estudos Feministas*. V. 09, n. 02, Florianópolis, 2001.